



AS FOLIAS DO DIVINO EM PIRENÓPOLIS, GOIÁS: MEMÓRIA, CULTURA E PATRIMÔNIO¹

THE DIVINE FOLIAS IN PIRENÓPOLIS, GOIÁS: MEMORY, CULTURE AND HERITAGE

LAS FOLÍAS DEL DIVINO EN PIRENÓPOLIS, GOIÁS: MEMORIA, CULTURA Y PATRIMONIO

Tereza Caroline Lôbo

Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Pirenópolis

Grupo de Pesquisa em Turismo e Gastronomia Canela d'Ema

terezacarolinelobo@gmail.com

João Guilherme da Trindade Curado

Universidade Estadual de Goiás - Unidade Universitária de Pirenópolis

Grupo de Pesquisa Saberes e Sabores Goianos

joaojgguilherme@gmail.com

Resumo

Propomos um breve estudo que abarca exemplos de manifestações culturais populares vivenciadas no município de Pirenópolis/GO, por ocasião do calendário cristão relacionado a Pentecostes, quando são realizadas atualmente três folias: a da roça, a da rua e a do padre. Para melhor compreensão, inicialmente apresentamos aspectos do histórico pirenopolino relacionados a estas folias, para em seguida discuti-las enquanto patrimônio para a comunidade local. Para tanto recorreremos às políticas patrimoniais, assim como a memória, tanto dos atores (foliões) quanto dos pesquisadores. A Folia do Divino em Pirenópolis continua sendo alvo de atenções em diferentes momentos, sendo que ora se ampliava ora se retraía, seguindo os interesses e vontades dos foliões.

Palavras-chave: Folia do Divino Espírito Santo; Pirenópolis; Memória; Patrimônio.

Abstract

We propose a short study that includes examples of popular cultural events experienced in the city of Pirenópolis / GO, at the Christian calendar related to the Pentecost, when are currently held three follies: the farm, the street and the priest. For better understanding, initially we present aspects of Pirenópolis history related to these follies, to then discuss them as heritage to the local community. For this we use the patrimonial policies and also the memory, from both actors (revelers) and researchers. The Divine Folia in Pirenópolis remains been the attention targeted at different times, sometimes been expanded and in others been retracted, following the interests and desires of the revelers.

Keywords: Folia of the Holy Spirit; Pirenópolis; Memory; Heritage.

¹ O presente artigo está vinculado à pesquisa “Artes e Saberes nas Manifestações Populares” que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG, conforme Chamada Pública nº 005/2012.

Resumen

Proponemos un breve estudio que incluye ejemplos de manifestaciones culturales populares vivenciadas en el municipio de Pirenópolis/GO, por ocasión del calendario cristiano relacionado a Pentecostes, momento en el que son realizadas actualmente tres folías: de la roça, de la calle y del sacerdote. Para mejor comprensión, inicialmente presentamos aspectos del histórico pirenopolino relacionados a esas folías, para en seguida discutir las en términos de patrimonio para la comunidad local. Para tanto recorrimos a las políticas patrimoniales, y la memoria, sea de los actores (foliones) o de los investigadores. La Folía del Divino en Pirenópolis sigue como foco de atenciones en diferentes momentos de ampliación y retracción, conforme los intereses y voluntades de los foliones.

Palabras-clave: Folía del Divino Espírito Santo; Pirenópolis; Memoria; Patrimonio.

*O tempo da festa
tem sido celebrado ao longo da história dos homens como um tempo de utopias.
Tempo de fantasia e de liberdades, de ações burlescas e vivazes,
a festa se faz no interior de um território lúdico onde se exprimem igualmente as frustrações, revanches e
reivindicações
dos vários grupos que compõem uma sociedade
(PRIORE, 1994, p. 09).*

1. INTRODUÇÃO

As Falias foram trazidas para o Continente Americano ainda nos anos iniciais da colonização e como havia sérios problemas quanto à atuação eclesiástica a população adaptou, no Brasil, o campo de desenvolvimento de tais festividades que segundo Câmara Cascudo: “era no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos” (2012, p. 305). Segue o referido autor apresentando mais particularidades sobre a folia, ao narrar que esta manifestação “fixou-se posteriormente, tomando características, épocas, modos típicos, diferenciadores. É um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhado com cantos” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 305).

O pesquisador e folclorista potiguar contribui, ainda, ao destacar algumas peculiaridades da folia no Brasil: “não tem em Portugal o aspecto precatório da folia brasileira”, e a partir dos estudos por ele realizado indicou que a folia também pode ser considerada como uma “espécie de confraria, meio sagrada, meio profana, instituída para implorar a proteção divina contra pragas e malinas que às vezes infestavam os campos” (CÂMARA CASCUDO, 2012, p. 305).

De modo geral a descrição de folia presente no Dicionário do Folclore Brasileiro se resume principalmente a Folia do Divino Espírito Santo e a Folia de Santo Reis, mencionando ainda a Folia de São Benedito, demonstrando que a Folia do Divino há tempos recebe significativo destaque no cenário das festas que acontecem Brasil afora.

Em Goiás a situação não era adversa, como constatou o francês Auguste de Saint-Hilaire, o primeiro a registrar uma Folia do Divino que girava pelo Cerrado de Goiás em 1819, e nos relata: “encontrei na mata um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um estandarte, outro um violão e um terceiro um tambor” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 96).

Nas comemorações dos festejos em louvor ao Divino Espírito Santo em Pirenópolis acontecem três folias que perfazem um trajeto circular com os objetivos de arrecadar donativos para a realização das festividades e distribuir graças entre os devotos, o que é denominado por “giro”, iniciado pelo lado leste e finalizado no sentido oeste. Estes “giros” percorridos pelas Folias do Divino serão abordados a partir dos relatos, vivências e experiências dos foliões e dos pesquisadores.

Duas folias percorrem a zona rural — a Folia da Roça e a Folia do Padre — e uma terceira a área urbana, a Folia da Rua. A Folia da Roça é a mais antiga das três, sua origem remonta ao século XVIII e a mais recente é a do Padre, surgida em 2001 com o objetivo de contrapor-se aos excessos ocorridos na Folia da Roça, ou seja, a valorização dos rituais religiosos em detrimento dos profanos, a Folia da Rua é do início do século XX.

2. FOLIA DA ROÇA

A Folia da Roça é a maior das folias em número de participantes, segundo Veiga cerca de três mil (2002, p. 67), sendo de 300 a 350 foliões com “guias” – distintivos recebidos por aqueles que cumprem “o giro”. Cumprir o “giro” significa sair da casa do “junta”, local do início da folia, percorrer o caminho pontuado pelas fazendas onde o grupo para realização dos pousos e chegar de volta à cidade para entrega dos donativos colhidos no “giro” na casa do Imperador – figura central na organização dos festejos do Divino.

Nesta folia, há o deslocamento de público não só de Pirenópolis, mas também de municípios vizinhos: Jaraguá, Corumbá de Goiás, Anápolis dentre outros. Durante o forró, registra-se o maior público: – os foliões de atalho e cata-pousos. Os pousos das fazendas próximas à cidade são os mais concorridos. Compondo este público participante têm-se os comerciantes temporários que acompanham os pousos vendendo comidas, bebidas, cigarros e jogos, pois há o comércio de bebidas em carros particulares. Sobre a quantificação do público nos pousos da Folia da Roça, há a informação de que no último pouso, em 2002, o público presente chegou a “aproximadamente quatro mil pessoas” (VEIGA, 2002, p. 103). Em um dos pousos de 2013, segundo informação da polícia militar, estimou-se um público de dez mil participantes.



A parte ritualística que compõe esta folia segue os mesmos rituais da Folia da Rua, O que dá singularidade para esta festividade é o seu tempo de realização, é a mais antiga Folia do Divino conhecida em Pirenópolis, e o conagraçamento do maior número de partícipes que as demais folias. Das três citadas neste trabalho a mais antiga e que reúne o maior número de foliões é a Folia da Roça, conhecida pelos partícipes como Folia “tradicional”, no passado era designada por folia do “Mateus Machado” em alusão a umas das regiões rurais do município em que esta folia acontecia. Segundo relato dos foliões mais antigos esta folia faz seu giro a pelo menos 150 anos, envolvendo famílias que a quatro gerações atuam na sua organização.

Apesar dos rituais serem recorrentes, cada uma tem suas especificidades, com organizações próprias, são momentos de intensas festividades marcadas por desfiles de cavaleiros montados e animados “pousos” nas fazendas e nas casas de pernoites dos foliões. As folias englobam tanto a parte religiosa, com destaque para a fé e a devoção demonstradas pelos foliões e partícipes, quanto a profana, que atrai pessoas interessadas nas fartas distribuições de comidas e bebidas e nos bailes que acontecem depois de cumprida a parte religiosa dos rituais.

Porém, antes da chegada dos pousos de folia propriamente dito realizados quarenta dias após o Domingo da Ressurreição, há a preparação do evento, o que pode ser chamado de pré-folia. Neste momento os grupos se encontram para definir onde serão realizados os pousos, para traçar o caminho percorrido pelo giro respeitando a circularidade do percurso, determinar as funções ocupadas por cada folião e seus pequenos grupos, enfim se organizar para que a tradição seja cumprida e tudo aconteça conforme o esperado.

Na Folia da Roça são identificados diversos grupos que organizam festas particulares dentro da festa da folia: a “turma do birinight” e os “caça cerveja” são tradicionais, giram há vários anos e, outros que surgem a cada ano, como os “se grilá nois larga” e os “se largá nois pega”, criados em 2013. Embora todos os pousos ofereçam refeições, estes grupos de foliões preferem fazê-las em seus acampamentos. Cabe ressaltar que isso ocorre somente na Folia da Roça, na Folia da Rua e na do Padre, estes grupos não são identificados e os foliões comem o que é oferecido pelas pessoas que organizam os “pousos”.

Os foliões deixam a área urbana, montados a cavalo e acompanhados por dezenas de carros de apoio carregados de mantimentos. Desfilam pela cidade tendo à frente os alferes com as bandeiras, seguidos pelos demais foliões e os carros de apoio. São comuns os aplausos por onde passam e as manifestações de devoção quando o desfile é interrompido para se beijar as bandeiras e desejar sorte aos foliões. Durante os nove dias estes foliões percorrem as estradas de terras, dormem em acampamentos montados nas fazendas dos pousos, e só retornam para suas residências depois

do último pouso, quando são esperadas pela população que se amontoam nas calçadas para ver a chegada dos foliões.

O caráter rural e tradicional imbuíu a Folia da Roça como sendo, dentre as demais, a folia mais concorrida e com maior historicidade e plasticidade, o que acabou por lhe reservar maior visibilidade perante a comunidade pirenopolina. Além disso, ao girar pela área rural e mobilizar centenas de pessoas a Folia da Roça acaba por constituir uma rede de envolvimento que faz com os festejos do Divino Espírito Santo de Pirenópolis sejam reconhecidos como um patrimônio representativo da cultura local. Fatos estes que corroboram para que a Folia da Roça tornasse referência em Pirenópolis quando se refere aos estudos da Folia do Divino.

3. FOLIA DA RUA

A Folia da Rua é assim denominada por ter seu “giro” realizado dentro da área urbana da cidade e os foliões não utilizarem cavalos para seus deslocamentos, o trajeto é percorrido a pé. Os foliões caminham pelas ruas da cidade parando em algumas casas previamente agendadas e seguem para a residência onde acontece o pouso. O que estes foliões chamam de pouso são os rituais que acontecem em uma casa pré-determinada, mas que nem sempre ocupa toda a noite, na madrugada cada folião volta para sua residência, retornando ao local do pouso para o almoço, quando os rituais têm continuidade.

As sedes dos pousos estão localizadas principalmente nos bairros periféricos da cidade — Bonfim, Lapa, Carmo, Vila do Couro — não sendo comuns pousos no centro histórico. Os partícipes e devotos que acompanham esta folia pertencem às classes mais humildes da população local. Os pousos são mais simples e os gastos menores que nas outras duas folias.

Os foliões, em sua maioria, são oriundos de outras regiões, apesar dos organizadores — os alferes — morarem em Pirenópolis. Os músicos, por exemplo, comumente vêm de cidades vizinhas como Vila Propício e Anápolis e da área rural do município de Pirenópolis, estes mantêm contatos entre si ao longo do ano, reunindo para girar outras folias, como a de Santos Reis, em janeiro, e a Folia de Santana na Capela do Rio do Peixe, no mês de julho.

As negociações para realização dos pousos acontecem entre os foliões que moram em Pirenópolis, desde o mês de janeiro, e ocorrem em meio aos encontros do cotidiano, nas portas da casa, nas ruas, na feira e em outros espaços. Nestes momentos são definidos os locais dos pousos, são escolhidos os grupos que serão convidados para tocar, cantar e girar a folia e, a rota circular é traçada constituída pelas casas onde os pousos acontecerão.



Presenciamos as dificuldades do grupo em definir todos os pousos, ora por falta de interessados em ceder sua moradia e, em anos de eleições municipais e estaduais, disputas para realizar a festa. Assim, nos anos de campanhas eleitorais os pousos são concorridos e, fora destes, esvaziados de pessoas e recursos financeiros para realização da festa. É comum, algumas vezes, a cessão do direito do pouso para alguém que precisa cumprir voto, pagar promessa ou manter uma tradição familiar. Estas são as causas constantes dos desentendimentos e conflitos internos do grupo.

A lista com as casas em que realizarão os pousos e a rota do giro são confirmadas apenas no dia do “junta” — momento de início dos rituais de peditório de esmolas que caracterizam esta festividade. O junta, na maioria das vezes, acontece na casa do alferes responsável pela organização dos rituais da folia. Neste local os foliões recebem as camisas e os lenços que comporão o uniforme dos foliões durante os nove dias de pousos e festas, são também entregue as “guias”, broche formado por uma efígie do Divino e fita vermelha e às vezes, um crachá com o cargo ocupado pelo folião durante os rituais.

Apesar de a festa ser aberta ao público, são considerados foliões os partícipes que recebem a “guia” e os cargos — alferes, regentes, salveiros, embaixadores ou músicos, procuradores e, os demais são foliões. Os alferes são responsáveis diretos pela organização dos rituais, os regentes auxiliam os alferes e os músicos que coordenam os cânticos de chegada e saída da folia, nos altares e os agradecimentos da comida. Os procuradores auxiliam na organização das filas para a distribuição da comida. A hierarquia é respeitada pelos demais foliões que entendem que estes cargos são imprescindíveis para a realização dos rituais que estruturam a festa da folia.

As casas cedidas para os pousos passam por alterações significativas. Na sala é montado um altar provisório enfeitado com flores, velas e os santos de devoção da família do proprietário, ali ficam as bandeiras durante a realização dos rituais. As bandeirolas são distribuídas pela casa delimitando o espaço de ocupação da festa, quando a casa é pequena é comum se espalharem pelo quintal e na rua. A cozinha também é improvisada para o preparo das grandes quantidades de comidas, os fogões são construídos de alvenaria no quintal e o espaço é coberto com palha ou lona plástica. O espaço maior é disponibilizado para as danças de catira e forró.

Os rituais que dão sentido e estruturam a Folia da Rua são compostos pela chegada da bandeira à casa do pouso. Esta vem à frente portada pelos alferes, ao som dos cânticos improvisados pelos músicos cujas letras louvam o Divino e pedem licença para adentrar à casa. O grupo passa pelo arco feito com folhas de bambu e enfeitado com flores que no ritual representa o limite entre o espaço do sagrado e do profano, dentro da casa e diante do altar os cânticos continuam invocando a

presença do Divino e saldando as imagens presentes no altar. Na sequência o grupo se desloca para o local de distribuição da comida e realiza o cântico de agradecimento, os procuradores organizam a fila tendo os foliões à frente para a farta distribuição da comida.

Depois que os foliões são servidos a comida é distribuída para todos os presentes, é o momento de maior número de público. Após a farta distribuição, a mesa, então composta pelo que sobrou de comida, é circundada pelos foliões e pelos donos da casa portando as bandeiras para realização do ritual de agradecimento de mesa. Em seguida, os músicos dão início ao peditório de esmolas, os devotos pegam a bandeira ajoelham diante dos músicos que improvisam versos de agradecimento ao que foi ofertado. Quando é doado dinheiro, este é colocado dentro de uma sacola que fica sob a guarda de um folião. É um ritual significativo para os devotos que aguardam este momento para agradecer e/ou pedir graças, este dura o tempo que for necessário para que todos recebam um verso e faça sua doação.

Findado o ritual das esmolas os foliões se reúnem para a dança da catira, e ao som das palmas e das batidas de pés a festa tem continuidade com o forró que termina na madrugada. Para no seguinte a ritualidade ter início com a alvorada promovida pelos músicos que perpassam os acampamentos (no caso das Folias da Roça e do Padre) ou chegam à casa do pouso, quando da Folia da Rua. O café da manhã é composto por alimentos e orações, depois uma pausa para o almoço e a folia segue caminho no intuito de completar mais uma etapa do “giro”.

4. FOLIA DO PADRE

A terceira Folia do Divino Espírito Santo que acontece atualmente em Pirenópolis, surgiu por iniciativa do então padre, Luiz Virtuoso, que respondia pela Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis.

Após conduzir algumas poucas Festas do Divino no referido município, Luiz Virtuoso, a par de uma política que parecia remontar ao movimento de Romanização da Igreja, propõe a criação de outra folia, passando a denominá-la como Folia da Renovação Cristã, cuja menção popular a fez ficar mais conhecida como “Folia do Padre”, uma nítida referência ao seu idealizador e que em alguns casos possui conotação pejorativa.

Em dezembro de 2000, segundo relato de fieis, o então padre pediu a um de seus ministros da eucaristia para que organizasse uma Folia do Divino, uma vez que o representante da Igreja não conseguiu impor suas regras às duas outras folias que já existiam. O responsável para provê as articulações iniciais foi Antônio Viegas, que possuindo conhecimentos sobre as fazendas próximas



a Pirenópolis e sendo antigo folião da Folia da Roça, não teve dificuldades em traçar o primeiro “giro” da Folia do Padre que aconteceria no ano seguinte.

Por ocasião da Festa do Divino do ano de 2001, três semanas antes do ápice que acontece a partir do Sábado do Divino, ocorreu o ritual, na igreja, da saída da Folia da Renovação Cristã, sob as bênçãos do padre.

Em entrevista realizada durante um pouso de folia em 2013, quando indagado sobre a origem desta folia, o padre Luiz Virtuoso que em visita celebrou a missa, relatou que: “a Folia da Renovação Cristã veio para acabar com os excessos das outras folias”, e continua apontando a gênese de tal manifestação: “no ano que começou tinha doze foliões, assim como eram os apóstolos. Os foliões eram os apóstolos” (VIRTUOSO, 02/05/2013).

Sobre o que chamou de “excesso”, Virtuoso os identifica como “bebedeira e danças extravagante”, além dos “namoros livres”. Para evitar tais “abusos” é que foi criada, segundo o pároco, a Folia da Renovação Cristã, cujas diretrizes acabaram por materializar-se, posteriormente em um estatuto assinado pelo padre em exercício atualmente e que possui além dos artigos, uma série de recomendações aos fiéis que participam enquanto foliões (ESTATUTO, 2013).

Além de ser a única folia que conhecemos que possui um estatuto escrito, lido e distribuído entre os foliões, na Folia do padre também se reza uma missa a cada início de noite junto ao altar da fazenda que recebe o “pouso de folia”, que consiste na parada noturna da Bandeira do Divino em uma casa, em que são promovidas as ritualidades de chegada, parada e partida, além da farta distribuição de comidas aos presentes.

Na Folia do padre não há o que é denominado por “parte profana”, ou seja, os eventos em que os rituais de caráter religioso oficial não são predominantes, como por exemplo, a dança ao som de forró ou de músicas das paradas de sucesso. Outro limitador é a ausência proposital dos comerciantes temporários que vendem comidas e bebidas alcoólicas. Estes fatores têm influenciado na constituição do público que frequenta a Folia do Padre, predominantemente de jovens com menos de dezoito anos, que recebem autorização dos pais para girarem folia.

Durante as pesquisas de campo verificamos a curta duração dos pousos da Folia do Padre, onde logo depois da missa é servida a janta, após a qual vêm os rituais de agradecimento de mesa e pedidos de esmolas que serão entregues à Igreja. Os partícipes foliões foram em média cinquenta, como observamos nos pousos de 2013, enquanto os demais participantes também eram poucos. Ao encerrar os rituais as pessoas começavam a se dispersar, sendo observados falatórios nos acampamentos dos foliões que insistiam em permanecer acordados, mesmo tendo consciência de que logo ao amanhecer teriam mais um intenso dia de “giro” pela frente.

5. FOLIA ENQUANTO PATRIMÔNIO

Grande parte dos dicionaristas brasileiros define o vocábulo patrimônio como sendo “herança paterna”, “bens de família”, “riqueza”, “os bens, materiais ou não, duma pessoa ou empresa” (FERREIRA, 2001, p. 520).

Para maior aprofundamento sobre a concepção de patrimônio recorreremos à explicação de Choay, para quem

esta bela e antiga palavra, estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito “nômade”, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante (2001, p. 11).

A questão patrimonial em pequenas comunidades como a pirenopolina que possui uma significativa história no contexto de ocupação das terras goianas se faz presente e latente em todo momento. Desde a preservação do casario colonial até a manutenção de aspectos culturais significativos para a população, mesmo que algumas festividades, por exemplo, se sobreponham a outras em determinados contextos temporais, como pode ser observado na passagem da alteração econômica da mineração para a agropecuária. Mudança esta que propiciou a ruralização, mas que ampliou a importância das festas na localidade, a ponto de serem mencionadas em documentos eclesiásticos, fato que não acontecia anteriormente, a não ser quando se tratava de batizados, casamentos e óbitos.

Data do ano de 1819 o primeiro registro encontrado sobre a Festa do Divino que acontece em Pirenópolis, de acordo com as pesquisas empreendidas por Jarbas Jayme (1971), que atenta para a possibilidade de que tal manifestação seja anterior ao documento encontrado. Segue o referido autor apresentando a incorporação de outras manifestações que se juntaram às comemorações ao Divino Espírito Santo.

Foram várias as folias do Divino que giravam pelo território pirenopolino, de acordo com relatos dos mais antigos moradores da cidade, no entanto, há um consenso, que pode ser explicado via “memória coletiva” (HALBWACHS, 2006), de que elas, em determinado período, se uniram na composição da Folia da região do Mateus Machado, situada mais ao sul de Pirenópolis.

Mesmo com intensa devoção católica — uma vez que a primeira igreja evangélica na cidade foi aberta apenas na década de 1950 — é perceptível, pela documentação eclesiástica, que havia embates diversos envolvendo o clero e os fiéis, tendo as folias como motivação, principalmente durante o período denominado por Romanização e que se estendeu em políticas de regulamentação e controle das festas até a década de 1950, conforme Silva (2001).



Na Carta Pastoral de março de 1916 há orientações do bispo Dom Prudêncio para os padres goianos em relação à Folia do Divino que se aproximava, dentre os pontos destacamos parte do material transcrito no Livro de Tombo da Igreja Matriz de Pirenópolis (1910-1928):

as pessoas ocupadas nessas folias nunca poderão exceder a dez”, outro item aborda que “não serão marcados com antecedência os pousos onde hão de pernoitar os foliões para evitar ali a reunião de vizinhos e os abusos que se costumam das, como sejam: danças, bebedeiras, cantigas inconvenientes (fls 04 a 06).

Os problemas relacionados à espiritualidade dos fiéis parecem desaparecer em um dos registros presentes no Livro de Tombo da Igreja Matriz de Pirenópolis (1929-1955), relativo ao ano de 1953: “estas folias não rendem para a capela. A renda da capela é por meio de outras esmolas e votos” (fls. 159).

Indiferentes à imposição de antigas e novas regras, a Folia do Divino Espírito Santo de Pirenópolis continuou a fazer o “giro” anual, uma vez que se tratava de uma manifestação da cultura popular, o que lhe dava certa independência do clero, pois dele não necessitava até mesmo nos aspectos ritualísticos. Por outro lado, a Igreja não conseguindo coibir a participação dos fiéis, passa a apregoar os “prejuízos”, uma vez que a arrecadação de dinheiro e demais donativos não chegavam aos cofres dos templos paroquiais.

No entanto, nada se compara com o ocorrido em 1944, tendo um frei franciscano de origem estadunidense como personagem central no embate direto com a Folia do Divino, como nos relatou um cônego pirenopolino que assumiu a Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pirenópolis quando da partida do frei Tobe, anos depois do incidente: o frei Tobe “tomou a bandeira da mão do festeiro, quebrou o pau da bandeira e rasgou a bandeira e jogou fora: trapo!”, rememorou que tal ação “escandalizou o povo rasgando a bandeira e quebrando o pau da bandeira em mil pedaços; jogou fora!” (OLIVEIRA, 2004). Ainda segundo Oliveira haviam de trezentos a quatrocentos foliões que ficaram contrariados com a situação. Tal descontentamento, acreditamos, ocorreu pelo intenso desrespeito com a memória local, também compreendido como patrimônio festivo familiar que se perpetuava por gerações no transcorrer de séculos.

Pensar a Folia do Divino em Pirenópolis é uma tarefa bastante complexa, pois mesmo tendo uma duração de aproximadamente nove dias cada folia, sendo que a da roça e a da rua se sobrepõem nas mesmas datas, o envolvimento e a participação se estendem para o restante do ano. Os foliões que “giram” a Folia e que trabalham precisam negociar o período de férias para os dias de maior envolvimento com a preparação, a realização e a finalização da Folia. O dinheiro precisa ser acumulado para que possa “arrumar” o folião e seu “acampamento”. Enfim, há um mundo

paralelo ao cotidiano pirenopolino que vai aprontando a participação festiva, no caso da Folia do Divino, com diferentes intensidades no transcorrer do calendário anual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por ocasião da instrução do Inventário Nacional de Referências Culturais sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis (2008), as três Folias: a da roça, a da rua e a do padre receberam destaque especial, pois são manifestações que “abrem” os períodos mais intensos da Festa do Divino, e para dar conta de todas as suas especificidades, mesmo que mantenham um padrão ritualístico comum (CURADO; LÔBO, 2013), foram necessárias inúmeras observações como as expostas anteriormente e que compõem o documento de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis como Patrimônio Cultural do Brasil, expedido em abril de 2010.

A Folia do Divino em Pirenópolis continuou sendo alvo de atenções em diferentes momentos, sendo que ora se ampliava ora se retraía, seguindo os interesses e vontades dos foliões. Houve momento de infiltração política partidária, mas que foi logo rechaçada pelos próprios foliões. Em seguida vieram os “apoios institucionais” que se utilizavam das costas das camisas dos foliões para estamparem suas logomarcas.

No entanto, atualmente, os foliões parecem ter tomado dimensão de sua representatividade enquanto agentes indispensáveis para a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, segunda celebração a receber o título de Patrimônio Cultural do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. 1. Reimp. São Paulo: Estação Liberdade/Unesp, 2001.

CURADO, João Guilherme da Trindade; LÔBO, Tereza Caroline. Folia do Divino Espírito Santo em Pirenópolis: Vivências sobre o processo de Registro. In: **Anais do VI Simpósio Internacional de História: Culturas e Identidades**. Goiânia: ANPUH-GO/UFG, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ESTATUTO DA FOLIA DA RENOVAÇÃO CRISTÃ. Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Pirenópolis, 2013. 4 fls.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.



HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2006.

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS. Brasília: Iphan/Departamento de Identificação e Documentação, 2000.

JAYME, Jarbas. **Esboço Histórico de Pirenópolis**. Goiânia: UFG, 1971. Vols. I e II.

LIVRO DE TOMBO DA IGREJA MATRIZ DE PIRENÓPOLIS. Pirenópolis, 1910-1928. 200 fls.

_____. Pirenópolis, 1929-1955. 200fls.

OLIVEIRA, Tênysson de. Entrevista realizada em Pirenópolis. Nov, 2004. (gravação digital).

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à Província de Goiás**. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. Itatiaia/Edusp, 1975.

SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino**: Romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia: Agepel, 2001.

VIRTUOSO, Luiz. Entrevista realizada em Pirenópolis. 02/05/2013. (DVD).

Recebido em 15 de junho de 2015
Aprovado em 23 de setembro de 2015